

Identidade relacional na velhice: narrativas de mulheres idosas sobre si e os que as cercam

Maria Luiza Viana de Aquino

Introdução

A lógica produtivista que caracteriza a pós-modernidade nos leva a definir quem somos pelas atividades que executamos e pelos papéis sociais que resultam delas. Somos mães, profissionais, estudantes, religiosas, amigas. Simone de Beauvoir (2018) mostra que essa é uma via central pela qual a existência ganha sentido: viver bem exige continuar se projetando no mundo, dedicando-se a pessoas, causas e trabalhos. Essas identificações produzem-se e sustentam-se, portanto, nas relações sociais, negociadas e reinterpretadas ao longo de toda a vida.

Investigar como isso acontece não é um exercício de autoconhecimento abstrato, pois resulta em compreender quem ocupa que posição numa disputa social, quem tem lugar reconhecido numa sociedade, e quais políticas de inclusão, cuidado e participação fazem sentido a partir desse reconhecimento.

Quando o tema é a velhice, entretanto, o imaginário social costuma privilegiar outras dimensões como definição. O envelhecimento é frequentemente representado como uma etapa marcada pela perda da produtividade, da autonomia, da capacidade física e da participação social. Nesse cenário, a pessoa idosa tende a ser reconhecida sobretudo por suas limitações, como se sua identidade estivesse concluída e restasse apenas administrar os efeitos do envelhecimento biológico (Lopes; Côrte, 2022).

Essa compreensão contrasta com perspectivas que entendem a velhice como uma construção social. Beauvoir (2018) demonstra que o envelhecimento não pode ser explicado apenas pelas transformações do corpo, mas também pelos significados que cada sociedade atribui a essa etapa da vida. Na mesma direção, Debert (1998) evidencia que as formas de viver, representar e significar a velhice variam historicamente, acompanhando mudanças culturais, econômicas e políticas.

Nas últimas décadas, as contribuições da Gerontologia deslocaram parte das discussões para temas como autonomia, aprendizagem ao longo da vida, convivência comunitária e bem-estar, concebendo o idoso de forma holística e contrapondo-se à visão clínica que reduz a velhice às suas dimensões biológicas (Debert, 1998).

Essas contradições contemporâneas sobre os estereótipos da velhice fazem emergir questões de interesse para o campo da Comunicação: de que maneira pessoas idosas produzem sentidos sobre si quando são elas próprias a narrar suas trajetórias? Quais relações mobilizam ao responder quem são? E o que essas narrativas revelam sobre os modos pelos quais continuam construindo sua identidade?

Essas perguntas surgiram durante uma pesquisa financiada pelo Edital de Pesquisa Acadêmica da Fundação Itaú Viver Mais e do Portal do Envelhecimento, cujo objetivo inicial era compreender práticas de consumo entre mulheres idosas residentes em Fortaleza (CE). Desenvolvida em um grupo de convivência e complementada por entrevistas em profundidade, a investigação buscava compreender como o consumo, as tecnologias e a vida cotidiana atravessam a experiência do envelhecimento.

Ao longo do trabalho de campo, entretanto, um fenômeno inesperado passou a se destacar. Sempre que eram convidadas a falar sobre si, as participantes incorporavam espontaneamente outras pessoas às suas narrativas. Filhos, netos, amigas, vizinhos, integrantes da igreja e dos grupos de convivência apareciam de forma recorrente, mesmo quando não eram objeto das perguntas realizadas. Pouco a pouco, tornou-se evidente que essas relações não constituíam apenas o contexto de suas histórias de vida: elas organizavam a própria maneira como essas mulheres narravam quem eram.

Partindo dessa perspectiva, este artigo investiga como mulheres idosas narram a si mesmas e quais relações emergem nesse processo. Ele está estruturado em três partes: a primeira apresenta o embasamento teórico que destaca o aspecto comunicacional na construção da identidade; a segunda detalha o percurso metodológico empregado; a terceira apresenta e analisa as narrativas das entrevistadas que sustentam a tese de que se constitui uma identidade relacional entre essas mulheres.

Identidade e produção de sentidos na velhice

A identidade costuma ser compreendida como aquilo que permite ao sujeito reconhecer a si mesmo e ser reconhecido pelos outros. Longe de constituir um atributo fixo ou exclusivamente individual, ela é continuamente produzida nas relações sociais e nas experiências compartilhadas ao longo da vida.

Stuart Hall (2006) observa que as identidades deixaram de ser compreendidas como unidades estáveis para serem entendidas como construções históricas e culturais permanentemente rearticuladas. Ao longo da vida, diferentes pertencimentos atravessam o sujeito, fazendo com que a identidade seja continuamente reorganizada pelas experiências, pelos discursos e pelas relações estabelecidas.

Esse entendimento desloca a atenção daquilo que o sujeito "é" para os processos pelos quais ele se torna quem é. A identidade passa, assim, a assumir

um caráter fundamentalmente relacional, constituindo-se na interação com os outros e nos sentidos produzidos socialmente.

Essa perspectiva aproxima a discussão da identidade do campo da Comunicação. Isso porque, mais do que transmitir informações, comunicar implica produzir sentidos em situações concretas de interação. É nesses episódios que os sujeitos interpretam experiências, negociam posições sociais, acionam referências compartilhadas e elaboram compreensões sobre si mesmos e sobre o mundo.

Nessa direção, Braga (2017) propõe compreender a comunicação a partir dos episódios interacionais, entendidos como acontecimentos nos quais sujeitos, ao interagirem, produzem sentidos em conjunto por meio de processos sempre tentativos de interação. Para o autor, a comunicação não se reduz à transmissão de mensagens nem ao compartilhamento de informações; ela constitui um trabalho permanente de articulação entre diferentes perspectivas, realizado por meio de inferências, negociações e ajustes que permitem a construção de ações e significados comuns.

Essa compreensão desloca o foco da investigação comunicacional. Se a comunicação acontece nos episódios interacionais, as conversas cotidianas deixam de ser apenas fontes de informação sobre a realidade e passam a constituir espaços privilegiados para observar como os sujeitos produzem sentidos sobre suas próprias experiências.

Essa leitura dialoga com Goffman (2014), para quem toda interação envolve a apresentação de si diante dos outros — a identidade não é apenas condição anterior à interação, mas também um de seus produtos —, e com De Certeau (2014), para quem a vida diária é tecida por práticas aparentemente banais que revelam modos particulares de habitar o mundo.

Conversas, deslocamentos e escolhas cotidianas deixam de ser acontecimentos secundários para expressar como os sujeitos reinventam continuamente suas formas de existir.

Reunidas, essas perspectivas indicam algo em comum: identidade e comunicação deixam de ser processos paralelos para se revelarem dimensões de um mesmo fenômeno. É pelas interações, pelas narrativas que os sujeitos elaboram sobre si e pelas práticas cotidianas com as quais tecem sua existência que a identidade continua sendo produzida, não apenas nas etapas iniciais da vida, mas em toda a sua duração.

Essa constatação tem consequências particulares para o estudo da velhice. Se a identidade permanece em constituição, compreender como pessoas idosas produzem sentidos sobre si mesmas não é apenas uma curiosidade acadêmica: é uma forma de contestar o imaginário, já discutido na introdução, que trata a velhice como uma etapa de identidade já resolvida, restando à pessoa idosa apenas administrar as perdas do corpo.

Reconhecer que essa identidade segue sendo narrada, negociada e reconstruída nas relações cotidianas desloca o olhar da velhice como limitação para a velhice como processo, e é esse deslocamento que orienta a leitura das narrativas apresentadas a seguir.

Percurso metodológico

A produção dos dados para a composição deste artigo combinou observação participante e entrevistas em profundidade. Durante o período de observação, foram registrados episódios cotidianos, conversas espontâneas e anotações em diário de campo. As entrevistas seguiram roteiro semiestruturado, permitindo que as interlocutoras narrassem livremente suas trajetórias de vida, suas práticas cotidianas e suas relações familiares e comunitárias.

Além das participantes do grupo de convivência vinculado ao projeto social, foram entrevistadas mulheres de classe média, sem vínculo com o projeto, incluídas como contraponto socioeconômico para verificar como as categorias analíticas identificadas no campo se apresentariam fora do contexto de vulnerabilidade social que caracteriza o público do projeto.

Foi nesse conjunto de interações que emergiu o principal achado deste artigo. Independentemente do contexto social das entrevistadas ou do tema inicialmente abordado, observou-se que, ao falarem de si, as participantes recorriam de maneira frequente às relações estabelecidas com familiares, amigas, grupos de convivência e outras redes de pertencimento.

A partir desse padrão, passamos a considerar os relatos sobre o cotidiano, compras e transações financeiras não como sinais de dependência ou limitação, mas como formas de acionar os seus para constituir uma existência autônoma, de acordo com o que cada entrevistada considerava valioso e correto. Essa leitura não foi uma decisão prévia da pesquisadora, mas um conteúdo intrínseco às falas: as entrevistadas não se colocavam como dependentes, não pareciam incomodadas pelo que não sabiam ou não conseguiam fazer sozinhas, mas assimilavam isso ao seu modo de viver, valorizando quem viabilizava uma experiência mais confortável do que teriam sem essa rede.

A seguir, apresentamos os relatos e a análise construída a partir do que as entrevistadas transpareceram. Adotamos nomes fictícios a fim de assegurar o anonimato das participantes da pesquisa.

Análise das narrativas

Ainda antes da sistematização das entrevistas, o diário de campo registrava que as participantes "sempre comentam sobre seus filhos e netos". Elas compartilhavam experiências, ensinavam umas às outras, trocavam recomendações de produtos, demonstravam orgulho das conquistas da família e organizavam boa parte das conversas em torno de suas relações.

Em uma conversa com as colegas, Raquel disse resoluta que faria teclado. Ao ser perguntada se tinha um instrumento, respondeu sem titubear: "minha neta

tem. Ela vai me ensinar". Sua postura não parecia de dependência, como alguém que fosse contar com o apoio alheio, mas como alguém que era detentora dos recursos, mesmo este sendo de sua neta.

Fernanda teve a mesma postura resoluta ao dar a dica à amiga sobre compras na Amazon. "São baratos, tenho muita coisa de lá." Quando perguntei se era ela mesma quem fazia a compra, respondeu: "minha filha." Ponto final. Se era da filha, seria dela também, por tabela.

Em nenhum dos dois casos há relato de pedido ou de recebimento: o verbo mobilizado é sempre de posse — "eu tenho", "ela tem, e por isso eu tenho também" —, mesmo quando o recurso pertence formalmente a outra pessoa. É esse gesto de apropriação, e não a simples presença de uma rede de apoio, que nomeamos como uma identidade relacional, contrapondo-se a uma narrativa de dependência: a dependência se anuncia como falta; a identidade relacional se anuncia como posse compartilhada.

Ao serem convidadas a falar sobre si mesmas, as participantes raramente construíam narrativas centradas em características individuais. Em vez disso, organizavam seus relatos por meio de relatos sobre filhos, netos, companheiros, amigas, grupos de convivência, colegas de trabalho, vizinhos e espaços religiosos como coautores de seu cotidiano. Surgia naturalmente como parte da resposta, mesmo quando não eram objeto da pergunta, o que tornou evidente serem vínculos com função específica.

Ruth, ao descrever o envelhecimento, rapidamente desloca a narrativa para o convívio com pessoas da mesma geração naquele ambiente, afirmando que "todos falamos a mesma língua" e destacando a importância das amizades construídas no grupo de convivência. Mesmo ao descrever uma rotina aparentemente solitária — cuidar das plantas, das galinhas, dos gatos — ela não fala dela sem situar o olhar da família sobre o que faz: a neta, que pergunta por que conversa com as plantas, o filho, que reclama que ela "caça trabalho". A prática mais individual do seu dia só ganha sentido narrativo porque passa pelo comentário de outros.

Fernanda apresenta sua rotina a partir da relação com a filha, dos grupos de artesanato e da pastoral. Ao descrever os cuidados domésticos que recebe ("minha filha é que faz tudo. Não lavo uma roupa, não boto roupa na máquina, não faço a comida"), ela não narra dependência como perda, mas como cuidado que a distingue: "eu não tenho filha não, eu tenho uma estrela." A mesma lógica de valorização aparece tanto na fala sobre compras quanto na fala sobre os cuidados domésticos: a vida se amplia com a interferência dessa pessoa, e ela se sente bem em ter todo esse apoio.

Lílian, uma das entrevistadas de classe média, organiza seu relato em torno do trabalho, dos colegas, dos livros, da igreja e dos espaços que frequenta. Diz que parou de usar azul porque faz o filho se lembrar do antigo trabalho, e que adora contar as histórias de 40 anos de enfermagem para suas colegas mais jovens. É também ela quem formula, talvez com mais clareza que qualquer outra entrevistada, o próprio deslocamento que este artigo busca nomear: ao explicar

por que perdeu o apego a certos objetos, mas não às pessoas, diz que hoje se sente "mais pelo humano e não mais por coisas". Essa mesma lógica organiza sua relação com o dinheiro: "agora o meu filho é quem tá guardando pra mim", diz sobre o filho, tratando a supervisão dele como extensão da própria segurança, sem tom de queixa. Essa relação delineia suas escolhas e modos de viver sem vitimismo, mas como escolha.

Raquel, além de delegar ao filho a gestão das transações bancárias — o que narra com a certeza de que a melhor decisão foi tomada —, situa o próprio grupo de convivência como parentesco: "hoje eu tenho família, porque isso aqui tudo é minha família [...] aqui a gente é muito acolhida." A confiança que estende ao filho aparece também fora do círculo familiar: ao negociar a compra de um tablet quando lhe faltou dinheiro na hora de pagar, combinou com a vendedora (uma desconhecida) de voltar no dia seguinte para completar o pagamento, tratando o acordo com o mesmo investimento afetivo que dedica às relações de sangue.

Essa disposição de gerir recursos em função de outros não é recente: ainda menina, já guardava dinheiro sem que ninguém soubesse, e pôde socorrer a irmã em uma emergência: "até hoje ninguém sabe do meu dinheiro não." A identidade relacional, no seu caso, não é um ajuste da velhice; é uma continuidade de uma vida inteira, que a velhice apenas torna mais visível.

Essa continuidade, no entanto, tem um limite que a leitura afirmativa da identidade relacional não pode absorver sem esforço. Ao contar que o dinheiro guardado para comprar um carro acabou sendo usado pelo filho para construir a própria casa no mesmo quintal, Raquel resume o episódio em uma palavra — "vupt!" — e completa: "nunca mais eu peguei numa direção."

Não há, aqui, o mesmo gesto de posse que organiza os outros relatos: ela não narra o carro como algo que segue sendo seu porque é do filho. Narra o oposto, que deixou de dirigir. É a única passagem do corpus em que o recurso cedido à família não retorna como extensão de si, mas como uma habilidade perdida e não recuperada.

Registramos o episódio não para encaixá-lo na tese, mas para marcar o limite desta: a identidade relacional explica boa parte de como essas mulheres significam a rede que as cerca, mas não neutraliza toda perda. Uma leitura que insistisse em fazer isso trataria como escolha aquilo que, na própria fala da entrevistada, é narrado como resignação.

Ana oferece um contraponto que desloca ainda mais o argumento: ao descrever por que nunca falta comida em sua casa, resume,

"eu tenho cinco noras por detrás da porta, e quem tem cinco noras por detrás da porta nunca falta alguém pra comer."

A fatura não é medida por posse, mas pela quantidade de pessoas que sua casa é capaz de alimentar. O mesmo padrão relacional organiza sua administração financeira. Divide o dinheiro em três frentes simultâneas: o que é do marido (luz, água, internet), o que é dela (comida) e o que é da sogra que

mora com o casal (fralda, remédio, itens de higiene), tratando a gestão de três "caixinhas" ao mesmo tempo não como sobrecarga, mas como competência de sempre: "sempre fui" boa de administrar, diz, reforçando o mesmo padrão de continuidade identitária que aparece em Raquel.

Para Marleide, pertencente à classe média, entrevistada como contraponto socioeconômico, é essencial ter planos. Esses sonhos materializados em cronogramas envolvem passeios com os netos, que a mobilizam para novos desafios. Sua parte aventureira agora se realiza no interesse de ser relevante para seus descendentes.

Mas é na descrição de seu próprio papel social que a identidade relacional aparece de forma mais explícita e mais assertiva entre todas as entrevistadas: ela se descreve como um nó de decisão entre três gerações: filhos na casa dos cinquenta, netos, e uma mãe muito idosa. Cunha, em suas próprias palavras, o termo "geração sanduíche" para nomear essa posição.

"Quando a minha filha tem que decidir coisas, uma viagem, um intercâmbio da minha neta agora, tudo a gente conversa sobre. A gente influencia. Quando a minha mãe tem um patrimônio e precisa ser alugado, vendido, reformado [...] eu também faço parte."

Reunidos, esses relatos revelam uma forma particular de narrar a própria identidade: as entrevistadas não deixam de falar de si, mas o fazem através das pessoas, grupos e vínculos que constroem sua trajetória, entrelaçando experiência individual e relação social até o ponto em que uma deixa de ser pensável sem a outra.

Essa forma de narrar dialoga diretamente com a perspectiva de Stuart Hall de que a identidade não é uma essência fixa, mas um processo continuamente construído nas relações sociais. Nas narrativas analisadas, o "eu" não aparece como unidade isolada, mas como resultado das interações que organizam o cotidiano dessas mulheres, inclusive quando essas interações custam, como mostra o episódio de Raquel.

Essa leitura também tem consequência para como se interpreta a presença constante de família e rede de apoio na vida da pessoa idosa. Nas entrevistas, filhos, netos e amigos participam ativamente do cotidiano das participantes, mas isso não indica, por si só, perda de autonomia ou de capacidade de decisão. Ao contrário. Na maioria dos relatos, é exatamente essa participação que sustenta a continuidade de projetos, aprendizagens e formas de participação social.

Sugerimos, portanto, nesta tese, que se veja além do que os dados por si só mostram. À maneira do que, em outro campo, propõe o modelo social da deficiência (que desloca a incapacidade do corpo para a falta de adaptação do meio), talvez a dependência atribuída à pessoa idosa seja menos uma condição sua do que uma miopia de quem observa de fora.

Considerações finais

Estudos como este contribuem para deslocar o foco da velhice como etapa marcada predominantemente pela perda para compreendê-la como um período em que identidades continuam sendo produzidas, negociadas e comunicadas.

Essa reflexão também possui implicações para políticas públicas e práticas profissionais. Reconhecer que pessoas idosas permanecem construindo suas identidades nas relações cotidianas amplia a compreensão sobre participação social, inclusão digital, educação ao longo da vida e convivência comunitária. Mais do que ofertar cuidados, políticas voltadas ao envelhecimento podem fortalecer espaços em que pessoas idosas continuem exercendo papéis sociais, compartilhando conhecimentos e produzindo vínculos significativos.

Referências

AQUINO, Maria Luiza Viana de. O consumo de orgânicos e a produção de sentidos em uma feira de Fortaleza-CE. 2021. 136 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRAGA, José Luiz et al. Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017. (Coleção Paradigmas da Comunicação).

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEBERT, Guita Grin (org.). Antropologia e Velhice. 2. ed. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998. (Textos Didáticos, n. 13).

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade.. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina (org.). Gerontologia social na PUC-SP: legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. 1. ed. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SARAIVA, Joseana Maria; SPENILLO, Giuseppa Maria Daniel; CEZAR, Iêda Litwak Andrade (orgs.). Comunicação, consumo e envelhecimento: desafios para a qualidade de vida. 1. ed. Recife: EDUFRPE, 2025.

Data de recebimento: 30/08/2026; Data de aceite: 30/08/2026

Maria Luiza Viana de Aquino – Mestra em Comunicação, Especialista em Marketing com larga experiência como gestora e planejadora de projetos na área e Pesquisadora em estudos do consumo. Especialista em Educação 4.0, Coordenadora de Curso, docente de nível superior há mais de 10 anos e experiência em planejamento de projeto em Design Instrucional. E-mail: malu_vianaaquino@hotmail.com.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.